

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a apresentação desta pesquisa afirmando que o momento de vida por qual passam os educandos e educandas das escolas de Ensino Médio, caracteriza-se pela construção de suas identidades e das identidades dos grupos aos quais pertencem, por um processo de afirmação e negação de alguns costumes, crenças e normas que lhes são impostos pelo mundo adulto. Enfatizei que, ao construírem e afirmarem sua própria identidade, os/as adolescentes enfrentam dificuldades no que se refere ao reconhecimento e respeito pelas diferenças que se apresentam tanto na sociedade quanto no ambiente escolar.

A observação das discussões dos participantes durante os grupos focais, assim como a leitura e análise de suas transcrições, deixou claro que as temáticas e problemas referentes à justiça, racismo, homofobia e sexismo estão presentes no cotidiano do Colégio Guarani. Os/as estudantes demonstraram com sua postura de interesse e desprendimento ao se posicionarem, argumentando, contra-argumentando e apresentando exemplos de seu dia-a-dia, que vivenciam e têm consciência de que em seu ambiente escolar ocorrem situações de injustiça, preconceito e discriminação em função das diferentes características das identidades dos membros comunidade escolar.

A observação das discussões e a análise das transcrições demonstraram, igualmente, que os jovens participantes não hesitam quando desafiados a se posicionarem sobre problemas que envolvam suas vidas e crenças. Esta postura pode ser interpretada como sinalizadora da pertinência e da importância que as temáticas abordadas pela pesquisa possuem para eles. A qualidade da sua participação demonstrou, além disso, que os pesquisados possuem um bom grau de maturidade e capacidade de ouvir e respeitar as diferentes opiniões de seus pares. Não podemos afirmar, entretanto, que são ou que não são representativos da totalidade dos estudantes do Colégio Guarani, pois não houve nenhum critério para sua seleção, e participaram todos os que se voluntariaram, sendo que alguns foram convidados por outros que já haviam se inscrito. De certo modo, o fato de terem sido voluntários já indica que são estudantes que se interessam em participar de atividades diversificadas, ou que possuem relação de amizade entre si.

Algumas características do Colégio Guarani – como sua organização, a não observação de conflitos violentos pela equipe de pesquisa, o lema “Liberdade com Responsabilidade”, o envolvimento da comunidade escolar em diversas atividades – podem ser tomadas como fatores que contribuem para essa postura relativamente amadurecida e respeitosa dos jovens estudantes que participaram da pesquisa. Esta interpretação está em consonância com a hipótese de Kohlberg (1992), segundo a qual a “atmosfera moral” de uma instituição em muito contribui para o amadurecimento moral de seus membros.

Em muitos momentos de suas argumentações, os jovens pesquisados expressaram que não confiam na capacidade dos adultos de assumirem sua responsabilidade na resolução de problemas e conflitos. Isto corre, por exemplo, quando, na discussão do dilema de Fernando (dilema sobre orientação sexual), alguns participantes propõem que o protagonista deveria resolver o conflito diretamente com o outro estudante, sem a interferência da professora; quando constatarem a incapacidade do pai de Marcos e Fernanda (dilema sobre gênero) de lidar adequadamente com os comportamentos dos filhos, devido a sua postura sexista; ou ainda, quando propõem jogar o Capitão Pereira ao mar (dilema sobre justiça), o qual representa a figura da autoridade.

Por outro lado, os participantes da pesquisa demonstram acreditar em sua capacidade e em sua autonomia para resolver problemas e conflitos. Defendem que os adultos, representados por pais e professores, deveriam depositar mais confiança nos jovens e adolescentes, pois, apesar de serem dependentes em muitos aspectos, já têm capacidade para tomar algumas decisões. Essa crença em sua autonomia se expressa, por exemplo, quando Greg e Renato reconhecem – na discussão do dilema sobre diferenças étnicas – que os pais têm o direito de desejar o melhor para os filhos e de orientá-los, mas, os jovens deveriam poder tomar algumas decisões referentes à suas próprias vidas.

A não credibilidade dos adultos em alguns momentos e a crença na autonomia dos adolescentes e jovens podem ser compreendidas como duas faces da mesma moeda, e não deveriam ser interpretadas apenas como consequências uma da outra. Ou seja, penso que não seria correto afirmar que a falta de credibilidade dos adultos seja uma consequência direta da crença em uma capacidade de autonomia adolescente, como também que a crença na autonomia seja consequência pura e simples da carência de credibilidade dos adultos.

Acredito que a construção de uma autonomia pessoal, durante o processo de amadurecimento moral, possa ser construída no confronto com a autoridade, sem necessariamente deixar de reconhecer sua credibilidade. A ausência de credibilidade por parte dos adultos, os quais devem exercer o papel da autoridade perante os jovens e adolescentes, pode provocar a manutenção de posturas heterônomas e dificultar o surgimento da própria autonomia.

As observações, interpretações e constatações apresentadas pela pesquisa provocam algumas indagações quando se pensa na educação escolar e nas instituições e agentes responsáveis por promovê-la. Ponderando que em seu espaço, os educandos e educandas vivenciam problemas que envolvem questões de justiça, preconceito e discriminação, e os consideram importantes em suas vidas, qual seria o papel da escola frente a eles? Os professores e gestores escolares estão preparados para lidar com essas questões? Se não estão, que alternativas poderíamos apontar? Se estão, quais processos foram os mais decisivos para esta formação?

Não tenho a pretensão de apresentar saídas e propostas de intervenções, que julgaria serem soluções para as questões levantadas ou para muitas outras que possam ser provocadas por possíveis interpretações dos dados desta pesquisa. Entretanto, algumas considerações e reflexões neste sentido merecem ser compartilhadas.

As diversidades e os conflitos a elas inerentes estão presentes dentro da escola e esta não pode se furtar a exercer o papel de formadora de cidadãos/ãs competentes não apenas no que diz respeito aos diversos conteúdos disciplinares, mas também no que se refere à capacidade de se relacionar de forma respeitosa e responsável, dentro de uma sociedade plural e democrática, na qual todas as identidades têm o direito ao reconhecimento e ao desenvolvimento de suas potencialidades. Por ser uma instituição, cuja constituição é mais plural que a família, a escola poderia ser o espaço, por excelência, no qual a pluralidade de características, necessidades e interesses de seus educandos pudessem se expressar. Deveria, talvez, oferecer, em sua estrutura e em sua prática pedagógica, condições tais que as crianças, adolescentes e jovens pudessem, a partir da convivência com as diferentes identidades, refletir sobre quem é e sobre quem deseja ser, tornando-se um cidadão que reconhece que as diferenças fazem parte

da constituição humana, e que ser diferente não significa necessariamente ser melhor ou pior, ou seja, que a diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade.

É importante lembrar que os documentos oficiais que tratam dos objetivos da educação e do papel da escola apontam para esse caminho (BRASIL, 1999). Todavia, o fato de estar definido oficialmente não garante que no cotidiano das escolas brasileiras a prática da formação para a convivência respeitosa com as diferenças esteja sendo fomentada. Acredito, concordando com Trias (2002), La Taille (2004; 2006), Carrrano (2008) e Andrade (2009), entre outros, que me acompanharam neste percurso, que a formação ética e moral é um caminho possível para a constituição de identidades que não neguem a diversidade em seu processo de auto-construção, pois possibilita que haja o reconhecimento da igualdade e da dignidade da pluralidade de modos de ser e agir que os seres humanos produzem.

As observações do cotidiano do Colégio Guarani, levadas a cabo pelos pesquisadores do GECEC, fizeram a equipe de pesquisa perceber que é uma escola que possui um projeto pedagógico que prioriza as boas relações pessoais e a construção da autonomia de seus estudantes, o que está explícito por seu lema de fundação: “Liberdade com Responsabilidade”. Não é possível afirmar, contudo, que todo o corpo docente está, de fato, envolvido, preparado e motivado para investir em uma formação integral de seus educandos e educandas, que contemple questões referentes à ética, à moral e ao respeito às diferenças. O que temos condições de afirmar, por outro lado, é que o fato de um grupo de treze estudantes participarem com o nível de maturidade, envolvimento e respeito, apresentando argumentos e contra-argumentos em discussões sobre as temáticas propostas, pode sinalizar que algum investimento em sua formação ética e moral foi feita. Reconheço que não se pode dizer que a escola seria a única responsável pela postura madura de alguns de seus estudantes, como não o seria se fosse o contrário. A família e os demais espaços de convivência (círculo de amizade, vizinhança, igreja), também, em muito contribuem com a formação da personalidade e da moralidade dos indivíduos, mas seria um erro desconsiderar a possível contribuição da instituição escolar, visto que estes jovens são oriundos de diferentes comunidades, e o que explicitamente possuem em comum, além de serem adolescentes, é estudarem no Colégio Guarani.

Não faço essas observações objetivando concluir que a escola onde foi realizada a pesquisa é uma instituição modelo, na qual ocorreria o ideal de educação ética e moral, muito menos que os estudantes pesquisados não possuem problemas e algumas dificuldades de se relacionarem respeitosamente com as diferenças, pois os momentos de contato foram muito limitados para se ousar fazer tal afirmação. Além do que, a pretensão de avaliar o trabalho pedagógico da escola foge ao escopo do presente estudo. O que desejo enfatizar é que a maioria dos alunos que participaram da pesquisa demonstrou, durante os grupos focais, possuir um pensamento crítico e uma capacidade de argumentação e contra-argumentação bem desenvolvidas e cuidadosas, o que me leva a acreditar que a escola deve ser, pelo menos em parte, responsável por isso. Como o Colégio Guarani contribuiu para esse desenvolvimento de seus educandos, e como eles se comportam frente situações reais de injustiça e preconceito que envolvem diferenças de etnia, orientação sexual e gênero, são questões que outros estudos poderiam tentar responder. O que é importante destacar é que, apesar dos limites e das dificuldades que as escolas brasileiras enfrentam no que se refere às relações interpessoais e à convivência com as diferenças, os estudantes do Colégio Guarani que participaram da pesquisa nos mostraram que, não apenas vivenciam esses problemas em seu cotidiano, mas estão dispostos a discuti-los e têm importantes contribuições a oferecer na busca de soluções.

Ouso apostar que um dos caminhos possíveis para a superação das dificuldades encontradas pelas escolas no que se refere às dificuldades de convivência e ao desrespeito pelas diferenças presentes em seu interior, seja a abertura para o diálogo entre gestores, professores, estudantes e demais agentes envolvidos com a escola. Partindo do pressuposto que são as práticas discursivas (HABERMAS, 2003; 2004) que constituem e intermedeiam a construção do conhecimento, os diversos saberes podem ser questionados e se tornarem objeto de investigação em discursos argumentativos entre os professores e o grupo de estudantes. Do mesmo modo, as regras e normas que orientam as relações e o funcionamento da instituição poderiam ser compreendidas como produção coletiva e, conseqüentemente, como responsabilidade de todos.

Não se poderia, entretanto, desconsiderar os limites e dificuldades que os próprios docentes e gestores possuem. Como já observado anteriormente, não há, por parte da maioria dos programas de graduação e licenciatura, uma explícita

preocupação com os conteúdos referentes à construção de valores e formação identitária por crianças e adolescentes (CÂMARA, 2005; LONGO, 2009). Soma-se a isto o fato de os cursos de licenciatura não serem uma prioridade para o modelo de universidade brasileira, sendo que aqueles que a eles se dedicam são pouco valorizados (GATTI e BARRETO, 2009).

Sem um corpo docente com formação que lhe ofereça condições e instrumentos teóricos e metodológicos para tratar e encaminhar adequadamente os conflitos provocados pelas dificuldades de convivência com as diferenças, tanto nos momentos de urgência quanto preventivamente, dificilmente as escolas conseguirão superar o quadro de injustiça, preconceito e discriminação que os educandos vivenciam. Esta fragilidade da formação docente poderia ser tomada como uma possível explicação para o a falta de credibilidade e confiança nos professores e figuras de autoridade, demonstradas em algumas falas dos participantes da pesquisa nas discussões dos dilemas morais.

Considerando que a formação docente pode ser pensada em, pelo menos, dois grandes momentos, a formação inicial e em exercício, estas seriam as duas frentes que precisariam de atenção e investimento. A responsabilidade das universidades que se propõem a formar professores não deve ser minimizada. Formar professores não deve se limitar a equipá-los com os conteúdos de uma disciplina específica, mas proporcionar-lhes um referencial teórico sobre o processo de educação, esta entendida como uma formação integral do ser humano, e, como tal, deve ser muito bem planejada. Cabe, portanto, às universidades explicitarem em seus cursos de licenciatura conteúdos referentes à formação sobre ética, moral, cidadania e diversidade cultural. Algumas instituições de ensino superior já estão trilhando este caminho, o que poderia considerado como um possível modelo a ser tomado como referência⁹. Os estágios supervisionados, igualmente, são momentos em que os futuros docentes podem entrar em contato com o cotidiano da escola, e retornando para a universidade, discutir e aprofundar junto a seus pares e professores orientadores as questões que sua observação da prática docente de um profissional mais “experiente” lhe suscita.

⁹ Segundo CÂMARA (2005) a UERJ oferece em na grade das licenciaturas, duas disciplinas eletivas que abordam temáticas relacionadas com a formação ética e moral: “Práticas Pedagógicas Minimizadoras da Indisciplina e da Violência Escolar” e “Psicologia e Disciplina Escolar”. No curso de pedagogia da PUC-Rio a disciplina de Didática, mais especificamente, aborda questões referentes a diversidade cultural, currículo e prática docente.

O investimento na formação continuada, por sua vez, enfrenta grandes dificuldades por não estar explicitado que instância é por ele responsável. Seriam as instituições de ensino, públicas e privadas que deveriam se responsabilizar em promovê-lo? Por ser um investimento na formação de um profissional já reconhecido enquanto tal, seria apenas uma responsabilidade apenas sua?

Penso que a formação continuada deveria ser vista como uma co-responsabilidade das instituições escolares e dos profissionais da educação. Deveria ser encarada como parte integrante da formação docente, pois possibilita que enquanto se vivencia o fazer docente se mantém o acesso à reflexão teórica, elemento imprescindível para a prática pedagógica. Acrescenta-se a isso a possibilidade de superar alguns dos limites e fragilidades da formação inicial.

Uma postura da direção do Colégio Guarani que chamou positivamente a atenção da equipe do GECEC, e que demonstra o comprometimento dos gestores escolares, foi sua referência, no primeiro contato feito com o objetivo de solicitar a abertura do espaço da escola para a pesquisa, à necessidade de uma contrapartida dos pesquisadores para com a escola. A direção deixou claro que a escola estaria aberta a contribuir com a universidade, entretanto, solicitava que esta oferecesse algo em troca, no sentido de contribuir com a formação de seus docentes e discentes. Neste sentido, a equipe do GECEC, juntamente com a organização não-governamental Novamerica, está realizando um projeto de formação em ética e diversidade, com o apoio da FAPERJ, envolvendo professores e estudantes do Colégio Guarani, o qual tem contado com grande e motivada participação. Esta preocupação – e, de certa forma, cobrança – dos gestores escolares foi interpretada pela equipe de pesquisa como um compromisso da direção do Colégio Guarani com a formação continuada de seus quadros.

Revedo a questão inicial que mobilizou a presente pesquisa, considero que os elementos e reflexões apresentados oferecem uma contribuição, mesmo que parcial e provisória, para a compreensão sobre como os jovens pesquisados pensam e buscam solucionar dilemas morais relacionados à justiça e às diversidades. Algumas lacunas, entretanto, permanecem em aberto e são limites que estão por ser superados, bem como outras questões que surgiram no percurso. Concluí, a partir do envolvimento e dos elementos que os participantes da pesquisa apresentaram, que as situações dos dilemas hipotéticos fazem parte do

cotidiano dos estudantes, todavia, seria importante investigar que outros dilemas reais eles vivenciam e quais são mais intensos e recorrentes.

Seria pertinente, além disso, caracterizar a compreensão que os adultos (professores, gestores e demais profissionais da educação) possuem sobre as situações apresentadas pelos dilemas, ainda que hipotéticos, e como as enfrentam. No campo teórico, permanece a inquietação sobre como uma filosofia moral e uma teoria do desenvolvimento podem manter suas pretensões de universalidade ao mesmo tempo que respeitem as diferenças culturais, tomando como ponto de partida o cotidiano escolar e seus conflitos.

Essas são questões sobre as quais pretendo continuar me debruçando, na tentativa de aprofundar a compreensão das complexas relações entre os sujeitos envolvidos no cotidiano escolar, partindo do pressuposto de que a escola deve cada vez mais se tornar um espaço em que as gerações mais jovens possam construir suas diferentes identidades, reconhecendo como riqueza a pluralidade presente em seu interior.

Enfim, termino esta pesquisa não com conclusões fechadas, mas com um conhecimento provisório e com uma série de questões que me motivam seguir investigando, tais como:

- Deve ser a escola tão cobrada na responsabilidade de formar sujeitos éticos e morais? Qual deve ser sua relação com outras instâncias de formação como família, igreja e vizinhança?
- A formação de professores, por si só, seria capaz de responder aos desafios aqui levantados?
- O questionamento da autoridade do adulto é sinal de saudável rebeldia juvenil ou demonstra, de fato, o fracasso de pais e professores como referenciais significativos para estes jovens?
- Quais são os limites teóricos que terei que enfrentar para entender as tensões entre universalidade e diversidade cultural no campo das teorias do desenvolvimento moral?